



[EM] DESLOCAMENTO¹

[IN] DISPLACEMENT

Mara Perpétua²

Resumo

Reflexões a partir da práxis mediadora proposta pelo Projeto Espaço de Arte Atelier (EMEF São Vicente de Paulo – PMV), uma interface entre a produção de arte e a arte educação a partir de deslocamentos nas experiências compartilhadas.

Abstract

Reflections from the mediating praxis proposed by the Espaço de Arte Atelier Project (EMEF São Vicente de Paulo - PMV), an interface between art production and art education from displacements in shared experiences.

“Ninguém nasce feito,
é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.”
(FREIRE, 2001, p.79)

Para a pergunta que se coloca em relevo (Há um lugar para a arte?), não existe uma resposta que seja capaz de dimensionar os tantos espaços em desdobramentos contemporâneos e seus constantes deslocamentos na relação entre arte e vida. A reflexão que se apresenta, aponta para novas perguntas: Como o alargamento da experiência artística, se interessa pela transformação dos processos tradicionais da arte em sensações de vida? Será a efetivação da substituição de obras de arte por uma arte de vida, que se implica a ênfase nas proposições abertas e compartilhadas? Que lugares de deslocamentos em

¹ Versão em formato de ensaio da conferência homônima proferida pela autora no VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado na Cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de 20 a 22 de agosto de 2019, nas dependências do Centro de Artes, Cemuni IV, da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Mara Perpétua Banhos Pereira é artista e professora. Graduação em Artes Plásticas Bacharelado (1990) e Educação Artística Licenciatura (1998), e Pós-Graduação em Abordagens Contemporânea em Arte Educação (2002), pelo Centro de Arte (UFES). Ilustradora dos livros Infantis: "Safira" (Sergio Blank), "Vermelho Inquieto" e "Vento Sul" (Silvana Sampaio), "O Sadio e o Mentecapto" (Ítalo Campos) "Soprinho" (Lucimar Cardoso), "O Menino e o Rio" (Rubens Vaz Cavalcante). Curadora das exposições "Encomune" (2008), "Outras Janelas" (2009), "Bichos" (2010), "Cine Clube Mirante" (2016). Participou das exposições "Papel do Acervo" (2014), "Vitória em Arte - Edição 11ª SESC" (2015), "Entre Eu, Tu e Elas" (2017). Desenvolveu os projetos educativos das exposições temporárias e acervo histórico do Museu Vale (2006-2019), Obra Social Nossa Senhora das Graças (2009-2015), "Mas, que Arte cabe numa cidade?", da Galeria Casarão (2012), "Aquarum", da Galeria de Arte e Pesquisa da UFES (2013), "Modos de Partilhar o Sensível", do Centro Cultural SESC Glória/ES. Atua no ensino público formal com o Espaço de Arte Projeto Atelier (PMV - EMEF/SVP) e em diferentes espaços educativos de formação e mediação cultural. Contato: maraperpetuabanhos@hotmail.com.



processo, legitimamos como significativa a atividade artística? Pode a experiência em arte dissolver a dicotomia existente entre a produção de arte e a ação mediadora?

O Espaço de Arte - Atelier, uma prática que se situa em lugar híbrido e heterogêneo, característicos nas proposições poéticas e criações coletivas que se operam por deslocamentos.

Às vezes, deslocar-se é refazer um suposto mesmo caminho com uma atenção rara, em estado de alerta, *être aux aguets*, ao modo do que nos diz Gilles Deleuze: “estar sempre à espreita, como um animal, como um escritor, um filósofo, nunca tranquilo, sempre olhando por sobre os ombros”. Deslocar ou deslocar-se é um procedimento usual de artista. Ou melhor, de um modo artístico de viver, no sentido da recomendação feita por Nietzsche de tratar a própria vida como obra de arte, como experimento estético (BRANDÃO, 2012, p. 58).

Quando se desloca entre lugares, encontramos territórios desconhecidos (em ampliação ao âmbito geográfico), que passam a ser conquistados, reconstruídos a partir de narrativas carregadas de sentidos e embates, inter-relações entre o que é visto e como é visto. No deslocamento, a de se pensar o que é deslocado enquanto estava se deslocando, conexões com e a partir do que foi vivido durante o ato de deslocar-se – a experiência.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (BONDÍA, 2002, p. 2).

É a partir da experiência que me encontro como sujeito artista/professora, relacionando teoria e prática em arte, no desafio de mergulhar no processo criativo de tantos outros, e ao mesmo tempo, conectar saberes e valores na diversidade de um espaço que deseja se constituir, como premissa, em um espaço compartilhado gerador de afetos e pertencimentos. Nesta trajetória experimental, em que se destaca a transitoriedade, o Espaço de Arte Atelier, que acontece desde o ano de 2008, na EMEF São Vicente de Paulo (PMV), se coloca como o lugar do encontro, entre tantos deslocamentos - envolvendo 48 crianças e adolescentes no contra turno da escola formal, sujeitos conectados pelo desejo de participar, e de se estar junto.



Um projeto que teve como objetivo inicial a aprendizagem em arte foi se transformando em um espaço dinâmico, da experiência em arte, instituindo-se como resistência, um investimento no campo do desejo. Uma produção que se insere na esfera da micropolítica, um contraponto ao regime das políticas públicas, dos parâmetros e diretrizes curriculares, compondo um quadro de ramificação política e agenciamento coletivo.



Figura 1 - Mara Perpétua - 2019

Perguntas são bem vindas, no diálogo são as indagações formuladas que permitem uma aproximação entre as identidades e os diferentes valores e experiências do grupo e um vínculo entre os conhecimentos e saberes produzidos no contexto social e cultural, assim como com problemas que dele emergem. Dessa forma, eles ultrapassam os limites das áreas e conteúdos curriculares tradicionalmente trabalhados pela escola, uma vez que implicam o desenvolvimento crítico de estratégias de pesquisa, de busca e uso de diferentes fontes de informação, de sua ordenação, análise, interpretação e o registro a partir das diferentes linguagens da arte.

O conhecimento, então é concebido, não como algo pronto e acabado, mas como algo controverso, que convoca a todos para atitudes ativas e reflexivas, diante de suas aprendizagens, na medida em que percebe o sentido e o significado do conhecimento para a sua vida de maneira dinâmica, contextualizada e compartilhada, em um processo mútuo de troca de experiências, para a compreensão e atuação no mundo.



Dessa forma, a construção do conhecimento se dá a partir dos próprios sujeitos, suas inquietações, valores e particularidades se apresentam e se reconstróem continuamente no coletivo. Para Hernandez (1998), é fundamental desconstruir a ideia de conhecimento, permitindo vivenciar a realidade, percebendo-a em suas múltiplas relações e interagindo com os outros olhares com autonomia e respeito. Portanto, ao interpretar a realidade e resignificá-la, torna-se, assim, cada vez mais autônomo em seu processo de formação e o conhecimento passa a ser fundamental e necessário nas relações sociais, favorecendo uma melhor percepção da realidade e de seu contexto, social, educacional, político e econômico.

As fortes marcas históricas - memória e cultura, existentes nas comunidades da Piedade, Fonte Grande e Morro do Moscoso (Cidade de Vitória – ES) são confrontados no grupo em seus diferentes aspectos (ocupação territorial, etnia, cor e religião) e a mediação se dá no sentido de valorizar esses diferentes repertórios através de diálogos a respeito dos direitos humanos, cidadania e diversidade, ressaltando as variadas vozes presentes no tecido social que compõe a cidade, com vistas à interculturalidade, contribuindo com as mudanças sociais positivas tão necessárias no contexto da vida cotidiana.



Figura 2 - Mara Perpétua - 2017

Sendo assim, podemos pensar em diferentes e simultâneos deslocamentos acontecendo a partir da proposição do Espaço de Arte Atelier: o primeiro é o deslocamento que se dá dos



próprios sujeitos, participantes que interagem com autônoma e criatividade, a partir do diálogo, em uma dinâmica colaborativa e participativa de construção coletiva, adversa ao cotidiano escolar; outro deslocamento é na própria Unidade de Ensino, já que se trata de uma reorganização alternativa ao que se apresenta na macropolítica, contribuindo para a o repensar de um sistema educacional, com ações pedagógicas normativas (métodos, currículos, objetivos e avaliação) e por ultimo o deslocamento de sua própria produção em arte, provocando o reconhecimento dessa construção em outros meios, demandando reflexões do que seja a arte, quem é o artista, e retornando a questão inicial (onde é o seu lugar?), um caminho sem volta na contemporaneidade.



Figuras 3 e 4 - Luara Monteiro – 2018.

E nós no Espaço de Arte Atelier? Seguiremos em frente, experimentando novas formas de interação pela inventividade e afeto, acreditando que só assim é possível vislumbrar voos futuros, e por outra via, tencionando conceitos e categorizações na/da arte.

Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>.

BRANDÃO Ludmila, Deslocamentos contemporâneos: notas sobre memória e arte. In: **Ciência e Cultura**, v. 64, n. 1, p. 58-61, jan. 2012. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n1/20.pdf>>.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. 6.ed. São Paulo, Cortez, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na escola: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.